

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil Class.: 73

Data: 06/03/89 Pg.: 10

Reserva indígena pode desaparecer com o fogo

Porto Seguro, BA — Gildo Lima

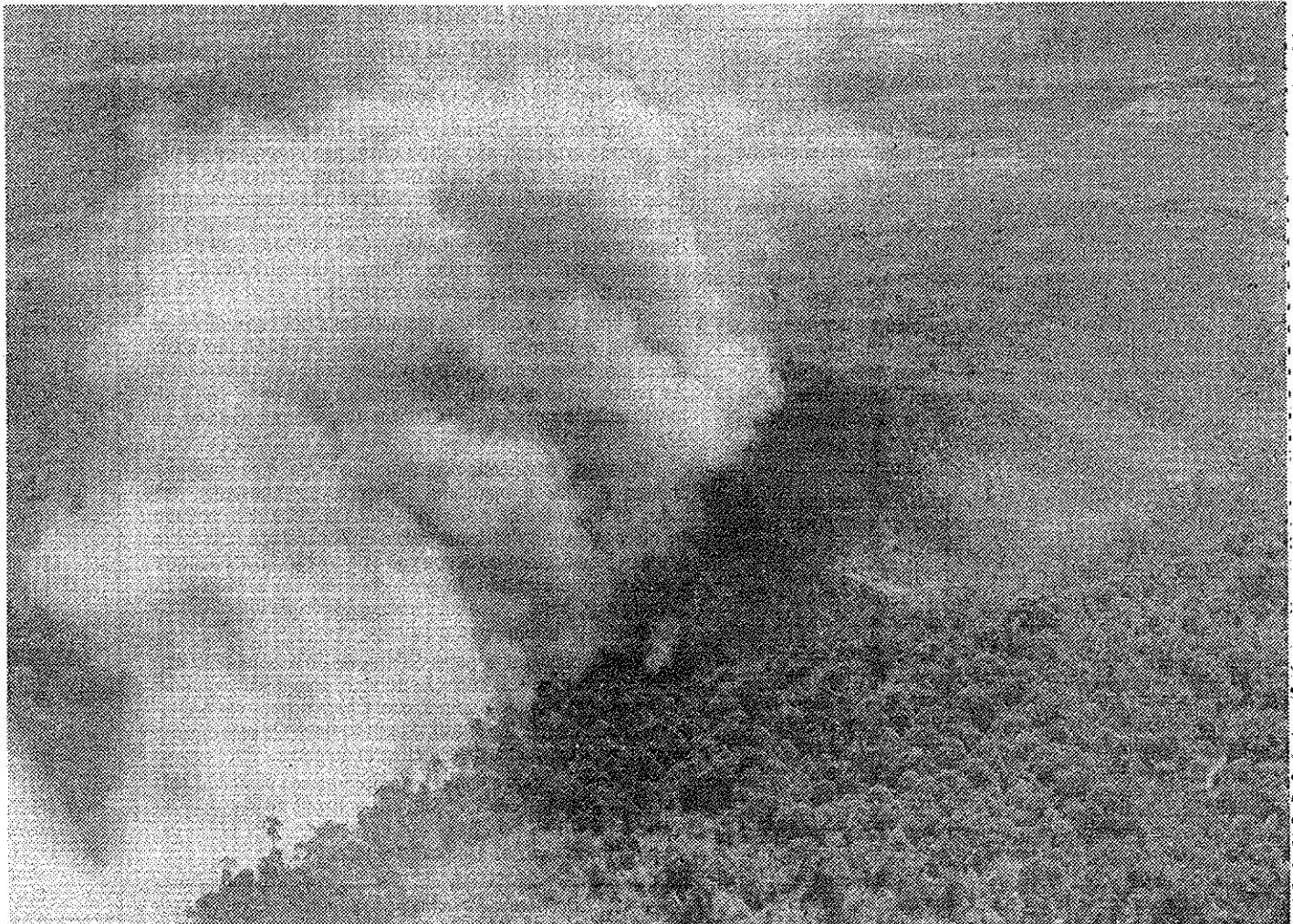
ITAMARAJÁ, BA — Os técnicos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis — há três dias lutando contra o fogo que está devastando o parque ecológico do Monte Pascoal — não acreditam na possibilidade de salvar a área da reserva cedida à Funai, para abrigar os índios pataxós. Esses 8.500 hectares, do total de 22.500 que formam o parque, "só por milagre" deixarão de ser inteiramente perdidos, como admitiu a diretora do Ibma, Sueli San-Martinho, que saiu de Brasília para acompanhar os trabalhos das equipes.

A reserva é uma das últimas áreas remanescentes da Mata Atlântica na Bahia. O combate ao fogo começou exatamente na área da reserva cedida à Funai, para abrigar os índios pataxós. Usando apenas "enxadas e muita coragem", como definiu o chefe interino do escritório do Ibma, em Eunápolis, Leonardo da Rocha, eles estão tentando debelar as chamas mas sem obter resultados. O forte vento e a seca que atinge a região — a mais de 70 dias não chove na área — estão facilitando a propagação das chamas.

Técnicos do Ibma, de Brasília, sobrevoaram a área para identificar o fogo central do incêndio. O fogo não chegou ao Monte Pascoal — primeiro ponto da costa brasileira avistado por Pedro Álvares Cabral — devido aos rios Cemitério, Caraiva e Corumbaú, que formaram uma barreira natural.

As maiores dificuldades para combater o incêndio são o reduzido número de homens — cerca de 90 — e a falta de equipamentos e de experiência nesse tipo de trabalho. O chefe interino do Ibma, teoricamente o coordenador das equipes, está há apenas 20 dias no cargo. Antes disso, desempenhava apenas funções burocráticas, sem ter qualquer noção de como enfrentar o fogo na mata.

Os técnicos da Duratex Florestal e Copenor — empresas que têm projetos de reflorestamento na região — estão procurando orientar os trabalhos, mas o esforço para isolar o fogo nos quatro focos existentes — a partir da abertura de trilhas na floresta — tem sido prejudicado pelos ventos.



O fogo destrói 8.500 hectares do Parque de Monte Pascoal, onde moram os pataxós

Índios e madeireiros são suspeitos

Os índios pataxós — que vivem em 8.500 hectares da reserva cedidos à Funai — e exploradores clandestinos de madeira são os principais suspeitos pela responsabilidade do incêndio que há três dias devasta o Parque Ecológico de Monte Pascoal, no extremo Sul da Bahia. O chefe interino do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis, Leonardo da Rocha, acredita que o prefeito de Porto Seguro, José Ubaldino Pinto, pode estar envolvido na extração irregular de madeira, e contra ele já existe um inquérito de desmatamento e venda ilegal de madeira.

Em janeiro, o IBDF, que foi absorvido pelo novo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis, juntamente com a Sema e Sudepe, apreendeu dois caminhões que transportavam madeiras retiradas ilegalmente da mata atlântica. Um dos moto-

ristas, no depoimento que prestou à Polícia Federal, revelou que trabalhava para o prefeito e que dentro da floresta havia tratores e guinchos utilizados na derrubada de grande árvores.

A existência no parque de Monte Pascoal de madeiras nobres, como o jacarandá, tem atraído exploradores clandestinos, responsáveis por grandes desmatamentos na região. O chefe do Ibma acredita que o incêndio pode ter sido provocado para abrir trilhas entre as árvores menores, para facilitar o transporte das maiores.

Queimadas — Os índios pataxós também poderiam ter sido os causadores do incêndio. Dias atrás eles fizeram uma grande queimada na área, para o plantio de roças, e o fogo atingiu grandes proporções, mas conseguiram controlá-lo. Técnicos do Instituto fo-

ram a aldeias e advertiram os índios sobre os riscos. Ontem, as equipes lutavam para controlar o fogo e encontraram os índios realizando novas queimadas, apesar da recomendação do Instituto.

As equipes encontraram também cerca de 500 metros cúbicos de madeira serrada. O vice-cacique Ailton Ferreira de Souza admitiu terem sido os pataxós os responsáveis pela derrubada das árvores. A madeira seria vendida a empresas que funcionam na região.

Ele justificou o procedimento dos índios afirmando que suas lavouras foram perdidas com a seca e que com o dinheiro da venda da madeira pretendiam comprar alimentos. Negou, entretanto, serem eles os responsáveis pelo atual incêndio, apesar de terem ignorado as determinações para suspenderem as queimadas.